



O MOSAICO DA POBREZA:

concepções e vivências muito além da escassez de renda

Daiana Maria Batista¹

RESUMO: O artigo, ora apresentado, tem como tema a pobreza enquanto expressão multidimensional da questão social. Através de pesquisa bibliográfica e documental, são expostas algumas concepções teóricas de autores acerca da pobreza, bem como, ilustradas formas através das quais ela se presentifica no cotidiano das pessoas empobrecidas. Corrobora, neste sentido, a ideia de que a pobreza é composta por inúmeras questões, não podendo ser caracterizada como escassez de renda, tão somente, mas como fenômeno multidimensional e multifacetado.

Palavras-chave: Pobreza, Multidimensionalidade, Questão Social, Escassez de renda.

ABSTRACT: The article presented here portrays as the theme, poverty as the multidimensional expression of social question. It exposes some theoretical conceptions of authors about poverty, through documentary and literature researches as well illustrated ways in which it becomes present in the daily lives of impoverished people. In this sense, corroborates the idea that poverty is composed of many issues and it can not be characterized as only a low-income, but as a multidimensional and multifaceted phenomenon.

Key words: Poverty. Multidimensionality. Social Issues. Low-income.

¹ Bacharel. Universidade de Caxias do Sul (UCS). E-mail: daiamaba@bol.com.br



1 INTRODUÇÃO

A pobreza constitui-se enquanto um complexo fenômeno que assola milhões de pessoas no mundo inteiro.

O estudo deste tema deu-se a partir de experiências vivenciadas em uma instituição da política de assistência social - localizada em um dos territórios mais pauperizados do município de Caxias do Sul² - por ocasião da realização de estágios supervisionados obrigatórios do curso de Serviço Social.

Bem se sabe que esta iniciativa não é pioneira, muito menos única. Muitos debates, pesquisas e obras já foram empreendidas acerca desse tema, por um expressivo número de autores e profissionais que tem a pobreza como objeto de seu trabalho, ou no mínimo, de suas inquietações. Esclarece-se que este artigo baseia-se em análise teórica a partir de pesquisa bibliográfica e também documental, uma vez que se utilizou das produções e registros dos estágios supervisionados I, II e III, realizados entre julho de 2009 e dezembro de 2010, em um Centro de Referência de Assistência Social de Caxias do Sul, como já expresso no início desta introdução.

Busca-se refletir sobre a pobreza, enquanto uma das mais multifacetadas expressões da questão social; fenômeno formado por uma conjunção de fatores dos segmentos econômico, social, político e inclusive, cultural, que arquitetam um verdadeiro mosaico de formas variadas e enigmáticas.

Destarte, é um equívoco apreendermos tal fenômeno multidimensional sob apenas uma dessas perspectivas em detrimento ao seu conjunto. Fazer isso significaria descolar a pobreza de seu contexto objetivo, fazendo com que as estratégias elaboradas para seu enfrentamento sejam igualmente equivocadas e sem resolutividade.

2 A POBREZA SOB O OLHAR ATENTO DE ESTUDIOSOS: ALGUMAS CONCEPÇÕES TEÓRICAS SOBRE ESSE FENÔMENO

Como brevemente exposto na introdução, a pobreza enquanto uma das mais agudizadas expressões da questão social tem caráter multidimensional ou multifacetado, em função de que transcende a idéia - que costumeiramente vem a mente das pessoas quando

² Caxias do Sul é um município do Rio Grande do Sul localizado a 130 km de Porto Alegre. Principal município da chamada "Serra Gaúcha".



se fala em “pobres”-, referente a escassez de renda. A pobreza se articula e caracteriza enquanto um conjunto de reverberações advindas dos campos político, econômico, social, cultural, dentre outros e, sendo essa conjunção ampliada, poderia se considerar um equívoco teórico conceituá-la a partir da insuficiência de dinheiro ou recursos materiais, tão somente.

O conceito de desqualificação social [...] corresponde ao processo de expulsão do mercado de trabalho e às experiências vividas na relação com a assistência que as acompanham em diferentes fases. Coloca-se ênfase ao mesmo tempo sobre o caráter multidimensional, dinâmico e evolutivo da pobreza e sobre o status social dos pobres. (PAUGAM, 1999, p. 63)

As dimensões que formaram pobreza e são responsáveis por mantê-la tão fortemente na contemporaneidade, estão intrinsecamente relacionadas à divisão da sociedade em classes utilizando formas desiguais de divisão de riquezas socialmente produzidas nas formações sociais capitalistas. Esta abordagem estrutural explica como o modelo de produção adotado pelo capitalismo, por mais contraditório que possa parecer para muitos, é o principal responsável pela produção e manutenção da pobreza no mundo.

O entendimento é de que o sistema de produção capitalista, centrado na expropriação e na exploração para garantir a mais valia, e a repartição injusta e desigual da renda entre as classes são responsáveis pela instituição de um processo excludente, gerador e reproduzidor da pobreza, entendida enquanto um fenômeno estrutural, complexo, de natureza multidimensional, relativo [...] É também desigualdade na distribuição da riqueza socialmente produzida; é não acesso a serviços básicos; à informação; ao trabalho e a uma renda digna; é não participação social e política. (SILVA, 2010, p.157)

A pobreza contemporânea arma um novo campo de questões ao transbordar dos lugares nos quais esteve “desde sempre”: nas franjas do mercado de trabalho, no submundo da economia informal, nos confins do mundo rural, num Nordeste de pesada herança oligárquica, em tudo o mais, enfim, que fornecia (e ainda fornece) as evidências da lógica excludente própria das circunstâncias históricas que presidiam a entrada do país no mundo capitalista. A velha dicotomia entre mercado formal e informal não é mais suficiente para diferenciar pobres e não-pobres, seja pela deterioração salarial que se aprofundou durante os últimos anos, seja pela degradação dos serviços públicos que afetam a qualidade de vida nos centros urbanos, seja ainda pelo desemprego em larga escala que atinge o setor formal da economia. (TELLES, 1999, p.83)

Poder-se-ia delinear inúmeras faces deste fenômeno, inclusive, aquelas que ganham destaque em função de sua complexidade e crueldade, tais como: a invisibilidade, a indesejabilidade, a dependência, a alienação, a informalidade, as políticas de transferência de renda, a meritocracia ou “atestado de necessidade”, entre tantas outras. Estas seriam



apenas algumas partículas do grande mosaico da pobreza. Essa noção amplia o foco de análise e permite que se vá além de uma caracterização baseada na escassez de recursos materiais. Pensar como os “pobres” foram sendo caracterizados e tratados nas tais sociedades contemporâneas, e como reagiram/resistiram a isso, parece tão importante quanto traçar as linhas de desenvolvimento alcançado a partir de indicadores de resultados. Sensibilizar-se com as precaríssimas condições de acesso aos direitos mais básicos, a criminalização crescente, a estigmatização, de que se tratou anteriormente, é no mínimo uma dívida que a sociedade tem para com esta população relegada à que Roberto Schwars (1998) chamou de “*desfaçatez de classe*”, referindo-se a indiferença com que a burguesia visualiza a pobreza.

Alguns estudiosos destacaram-se na tarefa de elucidação da pobreza enquanto fenômeno multifacetado, tais como: os franceses Robert Castel, Serge Paugam e Pierre Salama; o indiano Amartya Sen e os brasileiros, Márcia Anita Sprandel, Vera da Silva Telles e Lucio Kowarick. Cada qual se instigou por uma ou mais partes do mosaico-enigma formado pela pobreza e procurou lançar-lhe luz. Acabaram por tornarem-se expoentes neste assunto, tamanho foi o esforço empreendido e a fidedignidade de suas argumentações.

Após analisar as concepções dos autores citados, poder-se-ia traçar uma linha transversal a todas elas. Tal linha expressa o que de comum apareceu, mesmo que de maneira indireta, nos escritos: o entendimento acerca da multidimensionalidade da pobreza. Os autores rejeitam as caracterizações de tal fenômeno que se baseiam, única e exclusivamente, na baixa renda e na precária inserção nas relações de compra e venda, mesmo que compreendam a existência de uma relação entre o baixo poder econômico e a marginalidade social a que estão expostos as pessoas em situação de pobreza.

A partir disso, abrem margem para uma análise ampliada tentando responder a inquietações como: *quem são esses “pobres”?* *Por que ou como chegaram a esta situação?* *Como são vistos pela sociedade?* *Como se vêem na sociedade?* *Como se sentem diante de como são vistos e caracterizados?* Todos esses questionamentos parecem encaixar-se no mosaico-enigma de que se está falando desde o início deste trabalho, e atribuir-lhe mais ainda mais complexidade.

Neste sentido, a seguir, buscar-se-á dar visibilidade às múltiplas e integradas dimensões que caracterizam a pobreza na vida daqueles que a vivenciam. São como que facetas que a pobreza assume e que, de maneira direta ou indireta, reproduzem uma história de exclusão social e delimitam “um lugar” na sociedade.



3 SENTINDO A MULTIDIMENSIONALIDADE DA POBREZA "NA PELE": REFLEXÕES A PARTIR DE RELATOS DE PESSOAS QUE A VIVENCIAM

Explicar-se-á alguns extratos de relatos das pessoas em situação de vulnerabilidade social e risco, - usuárias do Centro de Referência de Assistência Social - que, em algum momento, contaram sobre as inúmeras e cruéis experiências que a pobreza lhes obrigou a vivenciar, inclusive o fato de necessitar buscar auxílio em instituições como essa.

O campo de estudo sobre a pobreza está composto tanto por fatos objetivos (taxas de pobreza e de desemprego, estratos de rendimentos, escolaridade, acesso à infra-estrutura urbana etc.) quanto pelas imagens, ideias e representações que a sociedade compartilha sobre "quem são" e "como são" os pobres. (SCOREL, 1999, p. 38)

As histórias das pessoas que vivem em situação de pobreza revelam que essa expressão da questão social tem inextricáveis a si a violação ou alienação de direitos, a discriminação, o preconceito e a estigmatização, o sentimento de vergonha, a exclusão social e tantos outros. Os relatos que serão expostos a seguir foram retiradas de registros de encontros de usuários da política de assistência social que eram requisitos para o recebimento do benefício do Programa de Renda Mínima Familiar.

Conforme orientação da "terapeuta comunitária", em um tempo determinadamente reduzido, as usuárias³ que estivessem "sentindo-se à vontade" poderiam expressar situações que as tivessem "angustiado" e que serviriam para um debate entre todas as participantes. Um das usuárias iniciou expressando sua intensa preocupação com as contas que se acumulavam. Isso porque as "pecinhas"⁴ que montava não estavam mais sendo fornecidas. A família estava sem comida em casa e isso a preocupava muito. Ela delegava a si mesma a responsabilidade pelo sustento da família que era formada por ela, o marido e duas netas. O marido sofria de "alucinações" e já havia sido internado diversas vezes em uma clínica psiquiátrica da cidade. Contou que ele procurava emprego, mas, no

³ "Usuárias" porque o grupo de beneficiários do benefício Renda Mínima era formado unicamente por mulheres. Longe de ser uma coincidência, este dado revela as alterações na formação das famílias na contemporaneidade bem como, o papel da mulher na sociedade, abrindo margem também, para um debate acerca da feminilização da pobreza

⁴ A usuária montava ratoeiras para uma empresa que levava um montante de peças por mês para que ela as organizasse e montasse. O valor médio para a montagem de uma ratoeira era 0,15 centavos. A usuária contou que chegava a montar 450 ratoeiras, contabilizando aproximadamente 68 reais mensais.



momento em que a empresa detectava o seu transtorno psíquico, demitia-o. Sobre isso expressava: “- *Ele tem vontade de trabalhar, procura emprego, mas, as pessoas percebem que ele é sem-destino*”. Os filhos mais velhos que são casados tentavam ajudar a família de origem oferecendo alguns alimentos, mas, as noras não apoiavam essa atitude. Por diversas vezes os filhos precisam “roubar” de dentro de suas próprias casas para poder “ajudar a mãe”. Ela expressava sentir-se “muito mal” com essa situação e chorava descompassadamente. Emocionada a usuária contou que, quando criança, brincava de jogar pedras e que, talvez possa ter acertado uma pedrada em alguma cruz. Depois expressou que a situação de pobreza que vivenciava poderia ser um castigo divino por tal atitude. Posteriormente, questionada sobre a utilização do benefício do Programa Renda Mínima, a usuária disse que gostaria de usar o dinheiro para “arrumar a casa”, pois, esta tinha muitas goteiras e lesmas que se espalhavam pelas paredes por causa da umidade excessiva. Disse que tem problemas nos dedos devido à “*gosma que as lesmas soltam*”. Contou que, em certa ocasião, foi lavar as paredes com produtos químicos misturados e acabou queimando a pele dos dedos e piorando a alergia que se já se espalhava pelos braços também. Neste momento, a usuária mostrou as mãos para o grupo que respondeu com exclamações de piedade, tamanhas eram as feridas que apareciam na pele da mulher. Interrompida pela profissional que coordenava o encontro, a usuária ofereceu “a palavra” para a outra participante que havia manifestado sua disponibilidade de expressar suas “angústias”. Esta manifestou que também tem muitas contas atrasadas para pagar e que por isso está no Serviço de Proteção ao Crédito - SPC. Disse que nunca teve seu “nome sujo” e que por isso, sente “muita vergonha”. Contou que utilizou as duas primeiras parcelas do benefício Renda Mínima para pagar as contas de água e luz, que já tinham sido cortadas pelas respectivas empresas responsáveis. Sobre isso, desabafou: “- *A gente não sabe administrar o dinheiro. A gente precisa resolver um problema de cada vez.*”.

Comentou que a sua casa também estava em situação precária, com frestas enormes pelas quais passavam rajadas de vento durante a noite. Mostrou o bebê que dormia em seu colo e disse que ele sofria com problemas relacionados ao sistema respiratório, muito em função deste vento e da intensa umidade da moradia. Além da questão financeira, expressou que um dos filhos adolescentes estava “dando problemas”. Contou que ele havia quebrado um vidro na escola e, como a mãe não tinha dinheiro para pagar a troca do vidro, o menino teve que “prestar serviço comunitário na escola.” A mãe dizia acreditar que se ele estivesse limpando os banheiros da escola e os “coleguinhas” o vissem, iria pensar bastante antes de quebrar algum vidro novamente. Com relação ao



cuidado com os filhos expressou sentir-se “ *muito sozinha*”. Chorou muito quando contou que seu atual companheiro estava preso e ela não podia ir visitá-lo por não ter dinheiro para ir até a penitenciária. A família não recebia o auxílio-reclusão porque o marido, antes de ser preso, trabalhava informalmente na construção civil, não cumprindo o quesito básico para o recebimento do benefício, qual seja, ter vínculo empregatício estabelecido pelas normas do trabalho formal. O filho mais velho também estava em situação de privação de liberdade no Centro de Atendimento Sócio Educativo - CASE, cumprindo medida socioeducativa por roubo. “ *Ele está trabalhando lá dentro e pode, ao menos, comprar o tênis de marca que tanto pede pra mim.*” Ela referia-se ao fato que o filho exigia da mãe, calçados e vestimentas de marcas famosas e que ela, na situação de pobreza em que se encontrava, não poderia lhe dar. Disse que o marido preso também lhe solicitava cigarros e cartões telefônicos ao passo que ela respondia: “ *- Não tenho dinheiro nem para o leite das crianças, como vou comprar cigarro?*”.

Os dois relatos, cada qual com suas especificidades, demonstram o quão complexa se mostra a situação em que estas pessoas se encontram. Percebe-se, no decorrer destes relatos, a ocorrência, mesmo que sutil, de inúmeros e entrelaçados elementos que compõem a situação de vulnerabilidade social: informalidade, denegação de direitos, migração, apego à religiosidade, precárias condições de saúde, entre tantos outros. Como afirma Escorel (1999), “ *não é só com números que se fala de pobreza. Para além da dimensão econômica e dos estratos de rendimentos que conferem objetividade à situação de pobreza, a condição de ser pobre deve ser estudada nas suas representações sociais*”.

4 CONCLUSÃO

Infere-se pois, que a pobreza é um fenômeno social formado a partir da escassez da renda, mas, que ultrapassa esse pressuposto passando a refletir e incitar questões de marginalidade, discriminação, violência, vergonha, exclusão, entre tantas outras.

O objetivo era dar visibilidade às concepções acerca da pobreza que privilegiassem aspectos para além da baixa ou inexistente renda. Aspectos que alcançam os planos social, cultural, religioso, e engendram nestes, experiências de sofrimento, de privação de direitos e de rechaço social. Neste caso, além das concepções, elaboradas e analisadas na perspectiva teórica, optou-se por “ *ouvir*” o que as pessoas que vivem em situação de pobreza têm a dizer sobre essa experiência, utilizando extratos de relatos



destes, durante atendimentos em uma instituição de assistência social.

Como os pobres conseguem sobreviver diante dessa realidade? Quais os sentimentos que alimentam? Como se vêem e como gostariam de se ver? Como a sociedade vê (ou não vê) a pobreza? Quais suas representações? Como enfrentá-la?

Embora muitas pesquisas e estudos tenham sido empreendidos na tentativa de responder a tais questionamentos, eles ainda compõem como incógnitas. Nem mesmo os próprios “pobres” conseguem ter clareza acerca das respostas, tamanha é a complexidade e dinamicidade deste fenômeno, e das formas sutis e por vezes, camufladas, com que ele se apresenta. Parece óbvio que, em detrimento a essas questões surjam iniciativas de enquadrar a pobreza no quesito “escassez de renda” como se somente isso, fosse responsável pelas experiências de vulnerabilidade, que grande parte da população mundial empobrecida foi obrigada a vivenciar. E, como dizia Hannah Arendt, “essa experiência de não pertencer ao mundo, é uma das mais radicais [e cruéis] experiências que o homem poderia ter” (ARENDR, 2007, p.527).

REFERÊNCIAS

ARENDR, Hannah. **Origens do totalitarismo: anti-semitismo, imperialismo, totalitarismo**. 7ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

BATISTA, Daiana Maria. **Exercícios de trabalho profissional do assistente social através da intervenção supervisionada no acompanhamento e orientação a quatro famílias referenciadas no CRAS Oeste**. Caxias do Sul: UCS, 2010. Relatório Técnico do Estágio Supervisionado em Serviço Social II.

_____. **Itinerário teórico-metodológico e técnico-operativo percorrido e a análise dos resultados obtidos no estágio supervisionado em serviço social III no CRAS Oeste**. Caxias do Sul: UCS, 2010. Relatório Técnico do Estágio Supervisionado em Serviço Social III.

CASTEL, Robert. **As metamorfoses da questão social: uma crônica do salário**.

Traduzido por Iraci Poleti. Rio de Janeiro: Vozes, 1998.

_____. WANDERLEY, Luiz Eduardo; BELFIORE-WANDERLEY, Mariangela. **Desigualdade e a questão social**. 2 ed. São Paulo: EDUC. 2000.

HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**. 6 ed. Traduzido por Carlos Nelson Coutinho e Leandro Konder. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

KOWARICK, Lucio. **Viver em Risco – sobre a vulnerabilidade socioeconômica e civil**.



São Paulo: Ed. 34, 2009.

PAUGAM, Serge. **Desqualificação Social: ensaio sobre a nova pobreza**. Traduzido por Camila Giorgetti e Tereza Lourenço. São Paulo: Educ/Cortez, 2003.

SALAMA, Pierre; DESTREMAU, Blandine. **O tamanho da pobreza: economia política da distribuição de renda**. Traduzido por Heloísa Brambatti. Rio de Janeiro: Garamond, 1999.

SCHWARTZMAN, Simon. **As causas da pobreza**. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

SCOREL, Sarah. **Vidas ao léu: trajetórias de exclusão social**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 1999.

SEN, Amartya. **Desenvolvimento como liberdade**. Traduzido por Laura Teixeira Motta. São Paulo: Cia. Das Letras. 2000.

SHWARZ, Roberto. **Ao vencedor as batatas**. 3.ed. São Paulo; Duas Cidades, 1988.

SILVA. Maria Ozanira da Silva e. **Pobreza, desigualdade e políticas públicas: caracterizando e problematizando e realidade brasileira**. In: Revista Katálisys, v. 13 n 2 p. 155-163 jul./dez. Florianópolis, 2010.